**REVISÃO**

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 5 QUESTÕES:

Leia o excerto do “Sermão do bom ladrão”, de Antônio Vieira (1608-1697), para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?”. Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

(*Essencial*, 2011.)

1**.** No primeiro parágrafo, Antônio Vieira caracteriza a resposta do pirata a Alexandre Magno como

a) dissimulada.

b) ousada.

c) enigmática.

d) servil.

e) hesitante.

2**.** Verifica-se o emprego de vírgula para indicar a elipse (supressão) do verbo em:

a) “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?” (1º parágrafo)

b) “O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...].” (3º parágrafo)

c) “O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.” (1º parágrafo)

d) “Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.” (1º parágrafo)

e) “Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.” (3º parágrafo)

3**.** Assinale a alternativa cuja citação se aproxima tematicamente do “Sermão do bom ladrão” de Antônio Vieira.

a) “Rouba um prego, e serás enforcado como um malfeitor; rouba um reino, e tornar-te-ás duque.” (Chuang-Tzu, filósofo chinês, 369-286 a.C.)

b) “Para quem vive segundo os verdadeiros princípios, a grande riqueza seria viver serenamente com pouco: o que é pouco nunca é escasso.” (Lucrécio, poeta latino, 98-55 a.C.)

c) “O dinheiro que se possui é o instrumento da liberdade; aquele que se persegue é o instrumento da escravidão.” (Rousseau, filósofo francês, 1712-1778)

d) “Que o ladrão e a ladra tenham a mão cortada; esta será a recompensa pelo que fizeram e a punição da parte de Deus; pois Deus é poderoso e sábio.” (Alcorão, livro sagrado islâmico, século VII)

e) “Dizem que tudo o que é roubado tem mais valor.” (Tirso de Molina, dramaturgo espanhol, 1584-1648)

4**.** Em um trecho do “Sermão da Sexagésima”, Antônio Vieira critica o chamado estilo cultista de alguns oradores sacros de sua época nos seguintes termos: “Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar sempre em fronteira com o seu contrário?”

Palavras “em fronteira com o seu contrário”, contudo, também foram empregadas por Vieira, conforme se verifica na expressão destacada em:

a) “Navegava Alexandre [Magno] em uma **poderosa armada** pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia” (1º parágrafo)

b) “O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais **alta esfera**” (3º parágrafo)

c) “Saibam estes **eloquentes mudos** que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem” (2º parágrafo)

d) “Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um **filósofo estoico** se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero” (2º parágrafo)

e) “Os **outros ladrões** roubam um homem, estes roubam cidades e reinos” (3º parágrafo)

5**.** No segundo parágrafo, Antônio Vieira torna explícito seu descontentamento com

a) o filósofo Sêneca.

b) os príncipes católicos.

c) o imperador Nero.

d) a doutrina estoica.

e) os oradores evangélicos.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Leia o soneto “A uma dama dormindo junto a uma fonte”, do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1696), para responder à(s) questão(ões) a seguir:

À margem de uma fonte, que corria,

Lira doce dos pássaros cantores

A bela ocasião das minhas dores

Dormindo estava ao despertar do dia.

Mas como dorme Sílvia, não vestia

O céu seus horizontes de mil cores;

Dominava o silêncio entre as flores,

Calava o mar, e rio não se ouvia.

Não dão o parabém à nova Aurora

Flores canoras, pássaros fragrantes,

Nem seu âmbar respira a rica Flora.

Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,

Tudo a Sílvia festeja, tudo adora

Aves cheirosas, flores ressonantes.

*Poemas escolhidos*, 2010.

6**.** Mais recorrente na poesia arcádica, verifica-se neste soneto barroco o recurso, sobretudo, ao seguinte lema latino:

a) “*locus horrendus*” (“lugar horrível”).

b) “*locus amoenus*” (“lugar aprazível”).

c) “*memento mori*” (“lembra-te da morte”).

d) “*inutilia truncat*” (“corta o inútil”).

e) “*carpe diem*” (“aproveite o dia”).

7**.** A sinestesia consiste em transferir percepções de um sentido para as de outro, resultando um cruzamento de sensações.

Celso Cunha. *Gramática essencial*, 2013.

Verifica-se a ocorrência desse recurso no seguinte verso:

a) “Flores canoras, pássaros fragrantes,” (3ª estrofe)

b) “À margem de uma fonte, que corria,” (1ª estrofe)

c) “Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,” (4ª estrofe)

d) “Dominava o silêncio entre as flores,” (2ª estrofe)

e) “O céu seus horizontes de mil cores;” (2ª estrofe)

8**.** No soneto, a seguinte expressão é empregada pelo eu lírico em lugar de sua musa Sílvia:

a) “Flores canoras, pássaros fragrantes”.

b) “À margem de uma fonte, que corria”.

c) “O céu seus horizontes de mil cores”.

d) “A bela ocasião das minhas dores”.

e) “Aves cheirosas, flores ressonantes”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**À cidade da Bahia**

Triste Bahia! Ó quão dessemelhante

Estás e estou do nosso antigo estado!

Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,

Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,

Que em tua larga barra tem entrado,

A mim foi-me trocando e tem trocado

Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente

Pelas drogas inúteis, que abelhuda

Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh quisera Deus que de repente

Um dia amanheceras tão sisuda

Que fora de algodão o teu capote!

Matos, Gregório de. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

9**.** O poema de Gregório de Matos é uma crítica ao:

a) renascimento cultural.

b) mercantilismo.

c) medievalismo.

d) preconceito racial.

e) aumento dos preços.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

[4]

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,

que viva de guardar alheio gado,

de tosco trato, de expressões grosseiro,

dos frios gelos e dos sóis queimado.

Tenho próprio 1casale nele 2assisto;

dá-me vinho, legume, fruta, azeite;

das brancas ovelhinhas tiro o leite,

e mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,

graças à minha estrela!

(...)

[5]

Tu não verás, Marília, cem cativos

tirarem o cascalho e a rica terra,

ou dos cercos dos rios caudalosos,

ou da minada serra.

Não verás separar ao hábil negro

do pesado esmeril a grossa areia,

e já brilharem os granetes de oiro

no fundo da 3bateia.

(...)

Não verás enrolar negros pacotes

das secas folhas do cheiroso fumo;

nem espremer entre as dentadas rodas

da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa

4altos volumesde enredados feitos;

ver-me-ás folhear os grandes livros,

e decidir os pleitos.

Enquanto revolver os meus consultos,

tu me farás gostosa companhia,

lendo os fastos da sábia, mestra História,

e os cantos da poesia.

Tomás A. Gonzaga, *Marília de Dirceu.*

Glossário:

1casal: pequena propriedade rural.

2assisto: resido, moro.

3bateia: utensílio empregado no garimpo; espécie de gamela.

4altos volumes: referência a processos judiciais, pois o poeta era magistrado.

10**.** O excerto contém versos que atestam, de modo enfático, que, no Brasil, o Arcadismo, também chamado de Neoclassicismo,

a) desenvolveu-se em meio rural, ao contrário do caráter citadino que tinha no Velho Mundo.

b) procurou situar na realidade local os temas e formas de sua matriz europeia.

c) tornou-se nacionalista, abandonando o internacionalismo que é inerente a sua filiação classicista.

d) repudiou, em nome do maravilhoso cristão, as referências à mitologia pagã, greco-latina.

e) imiscuiu-se na política, o que lhe prejudicou a integridade estética.

11**.** A configuração que o tema do amor recebe, nos versos do excerto,

a) será retomada pelo movimento indianista do século XIX, especialmente em *Iracema* e *O guarani*, de José de Alencar.

b) antecipa a concepção natural e fisiológica do amor que será preconizada pelo Naturalismo.

c) contrasta com o amor concebido como um absoluto, muito próprio do Romantismo.

d) equivale, já, à banalização do amor que se consumará no Modernismo, particularmente em Manuel Bandeira e Mário de Andrade.

e) prefigura as relações conjugais desencantadas e materialistas que serão objeto de análise no Realismo, especialmente nos romances machadianos da maturidade.

12**.** Nesses excertos, Dirceu apresenta a Marília alguns dos argumentos com que pretende convencê-la a desposá-lo, bem como lhe sugere uma imagem de sua vida conjugal futura.

Considerando-se o teor dos argumentos e das imagens aí presentes, pode-se concluir corretamente que

a) a relação amorosa proposta pelo poeta passa pelo crivo da racionalidade e do cálculo.

b) as preocupações pecuniárias do eu lírico revelam que ele visa antes ao dote que à dama.

c) o poeta trata de seduzir a dama interesseira, expondo-lhe o rol de seus bens.

d) o poeta acena à amada com um futuro conjugal aventuroso e movimentado.

e) as imagens idílicas que o eu lírico emprega remetem, de modo cifrado, a interesses eróticos inconfessáveis.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Para responder à(s) quest(ões) a seguir, considere o texto abaixo.

Também no Brasil o século XVIII é momento da maior importância, fase de transição e preparação para a Independência. Demarcada, povoada, defendida, dilatada a terra, o século vai lhe dar prosperidade econômica, organização política e administrativa, ambiente para a vida cultural, terreno fecundo para a semente da liberdade. (...) A literatura produzida nos fins do século XVIII reflete, de modo geral, esse espírito, podendo- se apontar a obra de Tomás Antônio Gonzaga como a sua expressão máxima.

(COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil.*

Rio de Janeiro: EDLE, 1972, 7. Ed. p. 127 e p. 138)

13**.** Manifestações socioculturais do período de que trata o texto assumem grande importância para o crítico Afrânio Coutinho na medida em que

a) representaram a libertação de nossa literatura dos vínculos estéticos com a tradição europeia.

b) exprimiram um sentimento nativista que iria desembocar num nacionalismo libertário.

c) deram voz a correntes superiores de pensamento, ligadas ao movimento da Contrarreforma.

d) documentaram o primeiro estágio do complexo processo de colonização do Brasil.

e) reagiram contra a derrocada do império português, que não interessava ao país naquele momento.

14**.** Considera-se um aspecto importante da poesia arcádica e neoclássica de Tomás Antonio Gonzaga no seguinte segmento crítico:

a) na *Lira dos vinte anos*, combinam-se magistralmente as tendências lírica e satírica do poeta.

b) sua arte religiosa exalta a intuição anímica, identificada como uma visão dos olhos da alma.

c) seus poemas mais característicos devem ser elencados entre os da mais alta expressão dos ideais românticos.

d) seus versos sofridos evocam o remorso do monge devorado pelos mais abjetos impulsos carnais.

e) persiste nos versos de *Marília de Dirceu*um ânimo sossegado, o equilíbrio iluminista de uma felicidade caseira.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o poema e observe a pintura a seguir para responder à(s) questão(ões).

Destes penhascos fez a natureza

O berço, em que nasci: oh quem cuidara,

Que entre pedras tão duras se criara

Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empresa

Tomou logo render-me ele declara

Centra o meu coração guerra tão rara,

Que não me foi bastante a fortaleza

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,

A que dava ocasião minha brandura,

Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura,

Temei, penhas, temei; que Amor tirano,

Onde há mais resistência mais se apura

COSTA, Claudio Manuel da. Soneto XCVIII. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em: 26 ago. 2015



15**.** Tendo por base a comparação entre o poema e a pintura apresentados, verifica-se que

a) o poema alude a questões de ordem social e política, ao passo que a pintura faz referência a aspectos de teor material.

b) a pintura representa uma cena de teor espiritual, ao passo que o poema retrata elementos concretos de uma paisagem pedregosa.

c) a pintura cristaliza um momento de louvor à força humana, ao passo que o poema discute questões atinentes à covardia do homem.

d) o poema sugere uma correspondência entre dureza da paisagem e dureza da alma, ao passo que a pintura metaforiza questões mitológicas.

16**.** Verifica-se que os versos e a pintura, em razão das características que lhes são peculiares, pertencem respectivamente aos períodos

a) Árcade e Barroco

b) Romântico e Realista

c) Quinhentista e Naturalista

d) Modernista e Vanguardista

**PARTE 2**

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir referem-se ao texto abaixo.

Que diversas que são, Marília, as horas,

que passo na masmorra imunda e feia,

dessas horas felizes, já passadas

na tua pátria aldeia!

Então eu me ajuntava com Glauceste;

e à sombra de alto cedro na campina

eu versos te compunha, e ele os compunha

à sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;

de exceder um ao outro qualquer trata;

o eco agora diz: Marília terna;

e logo: Eulina ingrata.

Deixam os mesmos sátiros as grutas:

um para nós ligeiro move os passos,

ouve-nos de mais perto, e faz a flauta

cos pés em mil pedaços.

— Dirceu — clama um pastor — ah! bem merece

da cândida Marília a formosura.

E aonde — clama o outro — quer Eulina

achar maior ventura?

Nenhum pastor cuidava do rebanho,

enquanto em nós durava esta porfia;

e ela, ó minha amada, só findava

depois de acabar-se o dia.

À noite te escrevia na cabana

os versos, que de tarde havia feito;

mal tos dava e os lia, os guardavas

no casto e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,

banhados com as lágrimas do gosto,

jurava não cantar mais outras graças

que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento;

eu agora, Marília, não as canto;

mas inda vale mais que os doces versos

a voz do triste pranto.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Tomás Antônio Gonzaga* [Org. Lúcia Helena]. Rio de Janeiro: Agir, 1985. p. 114. [Coleção Nossos Clássicos, v.114].

1**.** Considere as seguintes afirmativas sobre o conteúdo do poema e sua relação com o contexto em que foi produzido:

I. Na primeira estrofe, o texto alude a um fato histórico: a prisão de Tomás Antônio Gonzaga por sua atuação na Inconfidência Mineira.

II. No poema, o eu lírico contrapõe passado e presente, rememorando o tempo em que quebrou o juramento feito a Marília.

III. No trecho que vai da segunda à quinta estrofes, encena-se uma espécie de duelo poético entre os autores árcades brasileiros Cláudio Manoel da Costa, o Glauceste, e Tomás Antônio Gonzaga, o Dirceu.

IV. De acordo com as estrofes seis e sete, Marília reage com repulsa ao fato de ser galanteada pelo eu lírico.

Estão corretas apenas as afirmativas

a) I e III.

b) I e IV.

c) II e III.

d) II e IV.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) refere(m)-se ao texto a seguir.

**Sermão de Santo António**

Pregado na cidade de S. Luiz do Maranhão, anno de 1654

*Vos estis sal terrae*. S. Mateus, V, l3

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra, o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que eles dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal.

Suposto, pois, que ou o sal não salgue ou a terra se não deixe salgar; que se há-de fazer a este sal e que se há-de fazer a esta terra? O que se há-de fazer ao sal que não salga, Cristo o disse logo: [...] «Se o sal perder a substância e a virtude, e o pregador faltar à doutrina e ao exemplo, o que se lhe há-de fazer, é lançá-lo fora como inútil para que seja pisado de todos.» [...] . Isto é o que se deve fazer ao sal que não salga. E à terra que se não deixa salgar, que se lhe há-de fazer?

Este ponto não resolveu Cristo, Senhor nosso, no Evangelho; mas temos sobre ele a resolução do nosso grande português Santo António, que hoje celebramos [...].

Pregava Santo António em Itália, na cidade de Arimino, contra os hereges, que nela eram muitos; e como erros de entendimento são dificultosos de arrancar, não só não fazia fruto o santo, mas chegou o povo a se levantar contra ele e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida. Que faria neste caso o ânimo generoso do grande António? Sacudiria o pó dos sapatos, como Cristo aconselha em outro lugar? Mas António com os pés descalços não podia fazer esta protestação; e uns pés a que se não pegou nada da terra não tinham que sacudir. Que faria logo? Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo?

Isso ensinaria porventura a prudência ou a covardia humana; mas o zelo da glória divina, que ardia naquele peito, não se rendeu a semelhantes partidos. Pois que fez? Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes. Oh maravilhas do Altíssimo! Oh poderes do que criou o mar e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos, e postos todos por sua ordem com as cabeças de fora da água, António pregava e eles ouviam. (...)

VIEIRA, Padre Antônio. Disponível em: < http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 06 set. 2014.

2**.** No texto, a utilização da expressão bíblica “Vós sois o sal da terra” NÃOtem o objetivo de

a) metaforizar o comportamento dos fiéis.

b) reafirmar o caráter religioso do sermão.

c) relacionar o efeito do sal ao combate à corrupção.

d) conscientizar o público da importância do pregador.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

**XIV**

Quem deixa o trato pastoril amado

Pela ingrata, civil correspondência,

Ou desconhece o rosto da violência,

Ou do retiro a paz não tem provado.

Que bem é ver nos campos transladado

No gênio do pastor, o da inocência!

E que mal é no trato, e na aparência

Ver sempre o cortesão dissimulado!

Ali respira amor sinceridade;

Aqui sempre a traição seu rosto encobre;

Um só trata a mentira, outro a verdade.

Ali não há fortuna, que soçobre;

Aqui quanto se observa, é variedade:

Oh ventura do rico! Oh bem do pobre!

COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras poéticas de Glauceste Satúrnio.* Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 06 out. 2013.

3**.** O poema aborda a oposição entre

a) guerra *versus* paz.

b) ricos *versus* pobres.

c) cortesãos *versus* pastores.

d) perversidade *versus* inocência.

4**.** No poema, **NÃO** há a retomada do tema clássico do(a)

a) *carpe diem*.

b) *fugere urbem*.

c) *locus amoenus*.

d) *aurea mediocritas*.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Neste mundo é mais rico, o que mais rapa:

Quem mais limpo se faz, tem mais carepa;

Com sua língua, ao nobre o vil decepa:

O Velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:

Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;

Quem menos falar pode, mais increpa:

Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por tulipa;

Bengala hoje na mão, ontem garlopa,

Mais isento se mostra o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa

E mais não digo, porque a Musa topa

Em apa, epa, ipa, opa, upa.

MATOS, Gregório de. *Poemas*. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 1998. p. 56.

Glossário:

carepa: caspa, sujeira.

galorpa: instrumento utilizado pelos carpinteiros para aplainar madeira.

increpar: censurar

5**.** A ascensão de membros das classes inferiores aos postos tradicionalmente reservados à nobreza no Brasil Colônia é criticada metaforicamente em:

a) “A flor baixa se inculca por tulipa;”

b) “Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;”

c) “Mais isento se mostra o que mais chupa.”

d) “Neste mundo é mais rico, o que mais rapa:”

6**.** O poema pode ser considerado exemplar da estética barroca porque

a) explora o conflito entre fé e razão.

b) estrutura-se sob a forma do soneto.

c) satiriza autoridades governamentais da época.

d) manifesta o rebuscamento próprio do Cultismo.

7**.** **NÃO** se identificou corretamente o recurso empregado na construção do verso em:

a) “Para a tropa do trapo vazo a tripa” – aliteração.

b) “Quem menos falar pode, mais increpa:” – paradoxo.

c) “Bengala hoje na mão, ontem garlopa,” – metonímia.

d) “E mais não digo, porque a Musa topa” – metalinguagem.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

**Lira XV**

Eu, Marília, não fui nenhum Vaqueiro,  
Fui honrado Pastor da tua aldeia;  
Vestia finas lãs, e tinha sempre  
A minha choça do preciso cheia.  
Tiraram-me o casal, e o manso gado,  
Nem tenho, a que me encoste, um só cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria  
De mor rebanho ainda ser o dono;  
Prezava o teu semblante, os teus cabelos  
Ainda muito mais que um grande Trono.  
Agora que te oferte já não vejo  
Além de um puro amor, de um são desejo.

Se o rio levantado me causava,  
Levando a sementeira, prejuízo,  
Eu alegre ficava apenas via  
Na tua breve boca um ar de riso.  
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto  
De ver-te aos menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço  
As quentes horas da comprida sesta,  
Escrever teus louvores nos olmeiros,  
Toucar-te de papoulas na floresta.  
Julgou o justo Céu, que não convinha  
Que a tanto grau subisse a glória minha.

Ah! minha Bela, se a Fortuna volta,  
Se o bem, que já perdi, alcanço, e provo;  
Por essas brancas mãos, por essas faces  
Te juro renascer um homem novo;  
Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,  
Amar no Céu a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,  
Que pagarei dos poucos do meu ganho;  
E dentro em pouco tempo nos veremos  
Senhores outra vez de um bom rebanho.  
Para o contágio lhe não dar, sobeja  
Que as afague Marília, ou só que as veja.

Senão tivermos lãs, e peles finas,  
Podem mui bem cobrir as carnes nossas  
As peles dos cordeiros mal curtidas,  
E os panos feitos com as lãs mais grossas.  
Mas ao menos será o teu vestido  
Por mãos de amor, por minhas mão cosido.

Nós iremos pescar na quente sesta  
Com canas, e com cestos os peixinhos:  
Nós iremos caçar nas manhãs frias  
Com a vara envisgada os passarinhos.  
Para nos divertir faremos quanto   
Reputa o varão sábio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos  
C'os filhos, se os tivermos, à fogueira;  
Entre as falsas histórias, que contares,  
Lhes contarás a minha verdadeira.  
Pasmados te ouvirão; eu entretanto  
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,  
Nos mostrarão c'o dedo os mais Pastores;  
Dizendo uns para os outros: "Olha os nosso  
"Exemplos da desgraça, e sãos amores".  
Contentes viveremos desta sorte,  
Até que chegue a um dos dois a morte.

GONZAGA, Tomaz Antonio. *Marília de Dirceu*. Disponível em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em: 25.out.2012.

8**.** **NÃO** é correto afirmar que o pastor

a) é o eu lírico do poema.

b) projeta pela imaginação seu futuro.

c) revela à Marília a causa de sua desgraça.

d) apresenta uma visão nostálgica do passado.

9**.** O poema apresenta a temática árcade conhecida como

a) *fugere urbem* (fuga da cidade).

b) *inutilia truncat* (corte das coisas inúteis).

c) *carpe diem* (desejo de aproveitar o dia, a vida).

d) *aurea mediocritas* (vida simples materialmente, mas feliz).

10**.** A Lira XV apresenta

a) influência barroca.

b) convenção pastoral.

c) linguagem rebuscada.

d) versos brancos e livres.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

“Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,

Que viva de guardar alheio gado;

De tosco trato, de expressões grosseiro,

Dos frios gelo e dos sóis queimado.

Tenho próprio casal e nele assisto;

Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;

Das brancas ovelhinhas tiro o leite,

E mais as finas lãs de que me visto.

Graças, Marília bela,

Graças à minha estrela!

(fredb.sites.uol.com.br/lusdecam.htm, adaptado)

11**.** Pode-se afirmar que se destaca no poema

a) o racionalismo, característica do Barroco.

b) o conceptismo, característica do Arcadismo.

c) o cultismo, característica do Barroco.

d) o teocentrismo, característica do Barroco.

e) o pastoralismo, característica do Arcadismo.

**PARTE 1**

**Gabarito:**

**Resposta da questão 1:** [B]

Segundo Vieira, o pirata tinha características e qualidades (“não era medroso nem lerdo”) que justificavam a resposta ousada com que rebateu a admoestação do imperador Alexandre. Assim, é correta a opção [B].

**Resposta da questão 2:** [C]

No último segmento da frase, “O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.”, a vírgula assinala a elipse do termo verbal “faz”: o roubar com muito ***faz*** os Alexandres. Assim, é correta a opção [C].

**Resposta da questão 3:** [A]

A citação de Chuang-Tzu transcrita na opção [A] reproduz a mesma ideia de seletividade na aplicação da justiça criticada por Antônio Vieira no “Sermão do bom ladrão”.

**Resposta da questão 4:** [C]

A referência a palavras “em fronteira com o seu contrário” sugere a presença de antítese, figura de linguagem que consiste na exposição de ideias opostas. Como acontece em “eloquentes mudos” na frase da opção [C].

**Resposta da questão 5:** [E]

No segundo parágrafo, Vieira critica o silêncio dos oradores evangélicos (“eloquentes mudos”) que, ao contrário de Sêneca que denunciava crimes praticados tanto por piratas como por imperadores, se abstêm de falar sobre os dos reis católicos. Assim, é correta a opção [E].

**Resposta da questão 6:** [B]

Ao longo do poema, o eu lírico descreve a paisagem bucólica que rodeia a sua amada, Sílvia. Expressões como “À margem de uma fonte”, “pássaros cantores”, “Flores canoras”, “pássaros fragrantes”, entre outras, remetem ao topo *locus amoenus*, expressão latina que designa “paisagem ideal”, valorizando a vida aprazível no campo em detrimento da vida conturbada na cidade. Assim, é correta a opção [B].

**Resposta da questão 7:** [A]

É correta a opção [A], pois no verso “Flores canoras, pássaros fragrantes,” a associação de palavras ou expressões em que ocorre fusão de sensações diferentes (visual, auditiva e olfativa) configura uma sinestesia.

**Resposta da questão 8:** [D]

É correta a opção [D], pois, na primeira estrofe, o sujeito lírico revela os seus sentimentos por alguém que se encontrava dormindo ao despertar do dia, “A bela ocasião das minhas dores”, o que permite inferir que a expressão se refere à sua musa, Sílvia.

**Resposta da questão 9:** [B]

Os dois últimos versos dos primeiro e segundo quartetos do soneto “À cidade da Bahia” (“Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,/Rica te vi eu já, tu a mi abundante” e “A mim foi-me trocando e tem trocado/Tanto negócio e tanto negociante”) indicam crítica ao mercantilismo, doutrina econômica que busca o lucro e o interesse financeiro acima de qualquer outra coisa. Assim, é correta a opção [B].

**Resposta da questão 10:** [B]

[A] Incorreta. Apesar de se desenvolver em meio rural (“Tenho próprio casale nele assisto; / dá-me vinho, legume, fruta, azeite; / das brancas ovelhinhas tiro o leite, / e mais as finas lãs, de que me visto”), não há distanciamento em relação ao Arcadismo europeu, uma vez que ambos prezam pelo bucolismo.

[B] Correta. Os versos “Tu não verás, Marília, cem cativos / tirarem o cascalho e a rica terra, / ou dos cercos dos rios caudalosos, / ou da minada serra” fazem nítida referência ao contexto econômico brasileiro, mantendo a matriz europeia.

[C] Incorreta. A recorrência a tópos como *carpe diem* (“Enquanto revolver os meus consultos, / tu me farás gostosa companhia, / lendo os fastos da sábia, mestra História, / e os cantos da poesia”) indica que não houve abandono de preceitos árcades europeus.

[D] Incorreta. Não há versos nos trechos selecionados que indiquem referência ao maravilhoso cristão ou pagão.

[E] Incorreta. Há versos que indicam a ocupação de Dirceu, um magistrado (“Verás em cima da espaçosa mesa / altos volumesde enredados feitos; / ver-me-ás folhear os grandes livros, / e decidir os pleitos”), o que não prejudica a integridade estética da composição árcade.

**Resposta da questão 11:** [C]

O amor passível da racionalidade, buscando o *carpe diem* de modo equilibrado, contrasta com o amor típico do Romantismo, egocêntrico e subjetivo. No poema, não há referência ao indianismo, ao fisiologismo, à banalização ou ao desencanto mencionado nas demais alternativas.

**Resposta da questão 12:** [A]

Ao longo das estrofes apresentadas, Dirceu afirma ser um pequeno proprietário de terras, (caracterizadas pelo tópos do *locus amoenus*, ao contrário do que se afirma em [E]), de onde provém seu sustento, não dependendo do dote de Marília (ao contrário do que se afirma em [B] e [C]).

Afirma ainda que Marília sequer verá o trabalho pesado de mineração realizado pelos escravos, ou as atividades relativas ao fumo e à cana-de-açúcar; a amada apenas acompanhará as atividades intelectuais dele, o que significa uma vida desfrutada de forma equilibrada e amena (ao contrário do que se afirma em [D]).

Com tais comentários, Dirceu pretende convencer racionalmente a amada a respeito da futura vida em comum.

**Resposta da questão 13:** [B]

A opção [B] sintetiza a opinião de Afrânio Coutinho sobre a produção literária brasileira do século XVIII, momento histórico em que o mais importante centro literário se estabelece na região de Minas Gerais. Nesse período, formam-se academias literárias que reúnem escritores contrários à retórica e aos excessos do Barroco e defendem o retorno da poesia aos padrões clássicos da Antiguidade e do Renascimento, como é o caso da obra de Tomás Antônio Gonzaga.

**Resposta da questão 14:** [E]

Tomás Antônio Gonzaga é o autor da obra *Marília de Dirceu*, citada em [E]. Trata-se de um poema narrativo dividido em três partes. A primeira, com 33 “liras”, apresenta características marcadamente árcades. Na voz de um simples campesino em diálogo com sua pastora, o eu lírico expressa a satisfação do amante que valoriza o momento presente, manifesta o desejo de uma vida simples, casado e com filhos, em perfeita harmonia com a natureza amena.

**Resposta da questão 15:** [B]

O próprio título da tela remete ao seu teor espiritual: Caravaggio retrata, em *A conversão de São Paulo*, a queda que Saulo sofre após ver uma luz muito forte, que o cega – após ficar em transe, Saulo se converte para o Cristianismo, em referência à luz vista, e muda seu nome para Paulo.

Já o soneto de Cláudio Manuel da Costa retrata a paisagem do local em que vive, caracterizada pela aspereza, em oposição aos sentimentos do eu lírico: “Destes penhascos fez a natureza / O berço, em que nasci: oh quem cuidara, / Que entre pedras tão duras se criara / Uma alma terna, um peito sem dureza!”.

**Resposta da questão 16:** [A]

Cláudio Manuel da Costa é um autor árcade brasileiro, cujo soneto remete a características como a simplicidade na escolha do vocabulário, em oposição ao rebuscamento barroco (*inutilia truncat*), presença do bucolismo (“Destes penhascos fez a natureza / O berço, em que nasci: oh quem cuidara, / Que entre pedras tão duras se criara.”), sem idealização da Natureza e presença da Mitologia greco-romana (“Temei, penhas, temei; que Amor tirano, / Onde há mais resistência mais se apura”).

Caravaggio é um artista barroco italiano. Ele retrata, em *A conversão de São Paulo*, a queda que Saulo sofre após ver uma luz muito forte, que o cega – após ficar em transe, Saulo se converte para o Cristianismo, em referência à luz vista, e muda seu nome para Paulo. A técnica empregada é o claro-escuro, alternando entre forte e fraca presença da luz na cena retratada, o lhe que confere maior dramaticidade.

**Resumo das questões selecionadas nesta atividade**

**Data de elaboração:** 30/06/2019 às 16:35

**Nome do arquivo:** exercícios

**Legenda:**

Q/Prova = número da questão na prova

Q/DB = número da questão no banco de dados do SuperPro®

**Q/prova Q/DB Grau/Dif. Matéria Fonte Tipo**

1 175473 Média Português Unesp/2018 Múltipla escolha

2 175476 Elevada Português Unesp/2018 Múltipla escolha

3 175478 Elevada Português Unesp/2018 Múltipla escolha

4 175477 Média Português Unesp/2018 Múltipla escolha

5 175475 Média Português Unesp/2018 Múltipla escolha

6 166238 Média Português Unifesp/2017 Múltipla escolha

7 166240 Média Português Unifesp/2017 Múltipla escolha

8 166239 Elevada Português Unifesp/2017 Múltipla escolha

9 168286 Média Português Ufjf-pism 3/2017 Múltipla escolha

10 148869 Média Português Fgvrj/2016 Múltipla escolha

11 148870 Média Português Fgvrj/2016 Múltipla escolha

12 148868 Média Português Fgvrj/2016 Múltipla escolha

13 150369 Média Português Puccamp/2016 Múltipla escolha

14 150370 Baixa Português Puccamp/2016 Múltipla escolha

15 151421 Média Português Ueg/2016 Múltipla escolha

16 151420 Média Português Ueg/2016 Múltipla escolha

PARTE 2

**Gabarito:**

**Resposta da questão 1:** [A]

[II] Incorreta: Na última estrofe, o eu lírico afirma que ainda não quebrou o juramento.

[IV] Incorreta: Marília não reage com repulsa ao fato de ser galanteada pelo eu lírico. Na verdade, ela guarda seus versos no peito.

**Resposta da questão 2:** [A]

Segundo o sermão de Padre Vieira, esta fala: *Vós sois o sal da terra* foi proferida por Jesus para os seus fiéis. Comparando-os ao sal da virtude quando de boa procedência e ao sal da corrupção quando os desejos pessoais sobrepujam o desejo de servir ao próximo e à religião. Mas não é uma metáfora para mostrar o comportamento dos fiéis, mas do doutrinador.

**Resposta da questão 3:** [C]

A 2ª estrofe do poema mostra a oposição entre cortesãos *versus* pastores por seus gênios, respectivamente, dissimulado e inocente.

**Resposta da questão 4:** [A]

A temática do *carpe diem* não está presente em tais versos de Cláudio Manuel da Costa. Percebem-se, porém, sem sua leitura:

[B] ocorrência de *fugere urbem*, na oposição entre campo e cidade, ilustrada na oposição entre os pastores e os cortesãos na 2ª estrofe.

[C] ocorrência de *locus amoenus*, na valorização do campo, conforme se verifica em “Que bem é ver nos campos transladado/ No gênio do pastor, o da inocência!”.

[D] ocorrência de *aurea mediocritas*, na valorização da vida tranquila apartada de excessos, como se lê em “Ali não há fortuna, que soçobre;/Aqui quanto se observa, é variedade”.

**Resposta da questão 5:** [A]

Enquanto os versos das opções [B], [C] e [D] revelam crítica à ambição sem escrúpulos, à hipocrisia social e à corrupção, em [A], é a ascensão de membros das classes inferiores aos postos tradicionalmente reservados à nobreza no Brasil Colônia que é metaforicamente criticada.

**Resposta da questão 6:** [D]

As opções [A], [B] e [C] são incorretas, pois:

Em [A], o poema não aborda conflitos entre fé e razão;

Em [B], a disposição dos versos em soneto manifesta-se em diversas estéticas literárias;

Em [C], a sátira, técnica literária que ridiculariza um determinado tema, é comum em diversos estilos.

Assim, é correta apenas [D], pois o Cultismo, vertente da estética barroca, valoriza a forma e a imagem através de jogos de palavras e preciosismo vocabular, destacando a habilidade verbal do escritor.

**Resposta da questão 7:** [B]

No verso da opção [B] existe antítese, e não paradoxo.

**Resposta da questão 8:** [C]

Todas as opções são corretas, exceto [C], pois o eu lírico, assumindo a identidade de um pastor, relembra nostalgicamente o passado e imagina um futuro em que tudo que perdeu lhe será devolvido, mas sem revelar a causa da desgraça que o vitima no presente.

**Resposta da questão 9:** [D]

È correta a opção [D], pois o poema exalta a virtude da humildade e do comedimento na figura do eu lírico, pastor anônimo e feliz no contato com a natureza, ou seja, apresenta a temática árcade conhecida como *aurea mediocritas*.

**Resposta da questão 10:** [B]

A obra de Tomás Antônio Gonzaga está inserida no período literário do Arcadismo, cuja estética repudiava os excessos do Barroco para restabelecer a simplicidade e o equilíbrio da poesia clássica. Nas estrofes da Lira XV, constituídas por versos decassílabos com esquema rimático regular (abcbdd), o eu lírico assume a identidade de um pastor que lamenta a perda de seus bens (“Fui honrado Pastor da tua aldeia”, “Tiraram-me o casal, e o manso gado, / Nem tenho, a que me encoste, um só cajado”, ”eu queria / De mor rebanho ainda ser o dono”). No entanto, alimenta a esperança de que tudo lhe será devolvido para poder usufruir dos prazeres de uma vida simples ao lado da sua amada (“Fiadas comprarei as ovelhinhas” / ”Nós iremos pescar na quente sesta / Com canas, e com cestos os peixinhos”). Assim, a Lira XV apresenta convenção pastoral, como se afirma em [B].

**Resposta da questão 11:** [E]

O Arcadismo, escola literária surgida na Europa no século XVIII e, por isso, também denominada setecentismo ou neoclassicismo, valoriza a vida simples, bucólica e pastoril (*locus ameonus*), refúgio para quem sentia a opressão dos centros urbanos dominados pelo regime do absolutismo monárquico.

**Resumo das questões selecionadas nesta atividade**

**Data de elaboração:** 30/06/2019 às 16:05

**Nome do arquivo:** Prova 1º ano - literatura

**Legenda:**

Q/Prova = número da questão na prova

Q/DB = número da questão no banco de dados do SuperPro®

**Q/prova Q/DB Grau/Dif. Matéria Fonte Tipo**

1 166843 Média Português G1 - cftmg/2017 Múltipla escolha

2 138294 Média Português G1 - cftmg/2015 Múltipla escolha

3 130666 Baixa Português G1 - cftmg/2014 Múltipla escolha

4 130665 Média Português G1 - cftmg/2014 Múltipla escolha

5 123745 Média Português G1 - cftmg/2013 Múltipla escolha

6 123744 Baixa Português G1 - cftmg/2013 Múltipla escolha

7 123746 Baixa Português G1 - cftmg/2013 Múltipla escolha

8 123747 Média Português G1 - cftmg/2013 Múltipla escolha

9 123749 Média Português G1 - cftmg/2013 Múltipla escolha

10 123748 Baixa Português G1 - cftmg/2013 Múltipla escolha

11 111314 Baixa Português G1 - ifsp/2012 Múltipla escolha